



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de inauguração de obras do PAC Habitação na VIA Mangue 3, Conjunto Habitacional Zeferino Agra e Vila Imperial e de ordem de início das obras do PAC de duplicação da BR-101, trecho Palmares(PE)/Alagoas

Recife-PE, 07 de maio de 2010

Presidente: ...que o Brasil mudou de patamar na construção habitacional.

Vocês sabem que quando eu propus 1 milhão de casas, a Caixa Econômica não tinha certeza se tinha organização para fazer, o governo não tinha certeza se tinha organização para fazer e os empresários não tinham certeza se podiam fazer 1 milhão de casas. Tanto é que quando eu perguntei, a primeira resposta dos empresários é que podiam fazer 200 mil casas por ano.

Vejam que coisa engraçada. Nós lançamos o programa em março, entre lançar o programa, estruturar o programa, a Caixa Econômica Federal contratar os técnicos, contratar engenheiro, contratar gente, preparar cada superintendente em cada estado para poder saber, informar aos seus superintendentes e gerentes em todas as agências da Caixa, isso leva um tempo. O que é fantástico é que agora completou 1 ano e nós já temos 425 mil casas contratadas e tem 800 mil projetos sendo avaliados – 800 mil casas, em projetos, sendo avaliados na Caixa Econômica Federal. E quando eu falei que até o final do ano a gente ia chegar a 800 mil casas, a Maria Fernanda ficou lá atrás dizendo: “Vamos atingir 1 milhão de casas”. Se nós atingirmos a contratação de 1 milhão de casas até dezembro, vocês podem estar certos de que nós começamos uma revolução na construção civil neste país. Aí, vai ter que fazer muita fábrica de cimento, muita fábrica de azulejos, muita olaria para fazer tijolo.



Eu, outro dia – estou até pedindo para o Governador, na Marcha dos Prefeitos eu não sei se vai ser possível estar pronto –, mas eu fui ao Congresso do Setor Siderúrgico Brasileiro. E eu, quando fui a Pittsburgh, nos Estados Unidos, participar do G-20... é uma cidade. Pittsburgh era uma cidade chamada Cidade do Aço, depois entrou em declínio a siderúrgica, ela quebrou, e hoje virou uma cidade de serviços, alta tecnologia, então recuperou-se. O que eu fiquei impressionado é que a cidade tem muita coisa de ferro, prédio de ferro, ponte de ferro, e eu falei para o pessoal do Brasil: por que que a gente não tenta fazer casa de aço? E eles fizeram, no Congresso, uma exposição para mim, em São Paulo, que eu achei extraordinárias as casas de aço. Maria Fernanda, você precisa conhecer. Nós agora, na Marcha dos Prefeitos, vamos ver se é possível fazer lá, montar uns tipos da casas, com toda a estrutura de aço, que vai ser, mais ou menos, o mesmo preço das casas de alvenaria, mas de uma qualidade excepcional – telhado, tudo, tudo. Eu acho que nós aprendemos a fazer uma revolução na construção civil nesse período.

Aquele negócio de ser sempre pequeno, sempre pensando baixo, sempre achando que não vai dar, sempre achando que é difícil. Pois bem, a Maria Fernanda teve que preparar a Caixa Econômica Federal, o governo teve que se preparar para aprender a dar subsídio, as fábricas de cimento estão acontecendo no Brasil, todo mundo sabe. Tem 10 novas fábricas sendo construídas no Brasil, eu acho que os prefeitos estão aprendendo, todo mundo, e eu penso que nós agora demos um salto de qualidade. Então essa é minha alegria primeira.

A segunda alegria é vir aqui a Recife e perceber que os companheiros fizeram um conjunto habitacional sem levar os caras para 100 quilômetros de distância da capital, ou seja, o pessoal está exatamente perto de onde estava sempre, com posto médico aqui, que é a UPA que foi inaugurada, com o metrô aqui. E tem gente que não gosta, tem gente que acha que o pobre teria que ser mandado bem para longe. Quando a gente desocupa um prédio velho do INSS



e a gente dá moradia para os pobres, para o Movimento dos Sem Teto, tem gente que faz abaixo-assinado e entrega para o governo, contra os pobres morarem na rua em que eles moram. Não é mole não, o preconceito ainda é muito grande. Então, nós temos que vencer.

Então, quero dar os parabéns, Prefeito, por ter feito esse conjunto habitacional aqui, para as mulheres pegarem as suas crianças e irem a pé até a praia da Boa Viagem tomar banho, e voltar para almoçar. Eu acho isso extraordinário. Esse negócio do pobre ser escorraçado a cada vez que a cidade melhora um pouquinho não é correto, ou seja, é preciso que a gente faça coisas de melhor qualidade. Então, meus parabéns. Vai ter mais quarenta e poucas mil casas do PAC aí, eu espero que todas sejam feitas próximo, para que os pobres não sejam escorraçados para longe.

E a terceira coisa foi o navio. Vocês não sabem, a gente que veio aí no primeiro dia, na pedra fundamental, no primeiro corte de aço, na primeira formação de uma mulher soldadora, de um trabalhador, a gente ver aquele navio hoje, dentro da água, daquele tamanho, e saber que foi feito por trabalhador que até três anos atrás era analfabeto e cortador de cana, é um negócio que mexe com o coração, mexe com a emoção. E saber que foi produzido em Pernambuco, e saber que em junho eu vou inaugurar um no Rio de Janeiro, que em setembro ou em dezembro eu volto para inaugurar outro aqui, depois eu vou inaugurar mais um no Rio Grande do Sul, depois vai ter um estaleiro no Ceará, depois vai ter um estaleiro na Bahia, ou seja, finalmente eu posso dizer: nós recuperamos a indústria naval brasileira. Imagine quando aqueles...

Jornalista: (inaudível) a presença de Dilma foi criticada porque seria campanha. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

Jornalista: Vem ou não vem para cá também?



Presidente: Nada, veja, certamente os que criticaram são adversários da Dilma. Então, eu não espero elogios. Agora, veja, o Governador poderia falar mais do que eu sobre isso. Mas nós só conseguimos chegar onde chegamos, na questão da indústria naval, por conta dos programas que foram criados e coordenados pela Casa Civil. Então, veja, ela veio, foi convidada pelos empresários, veio, foi tratada dignamente e foi embora, sabe? Como ela não teve nada com esse conjunto habitacional, não precisava vir aqui. E qualquer outra pessoa pode ir.

Jornalista: Quando é que ela vai começar a participar de alguns programas que ela tem (incompreensível), como foi o caso lá do (incompreensível)...

Presidente: Depende, depende, se ela for convidada... Essas coisas, tem que ser convidada para ir, não é? Ela não é mais ministra, então, se vai inaugurar uma obra e o dono da obra convida, se o governador convidar ela para uma atividade aqui, ela vem e não tem nenhum problema.

Jornalista: Ela só não pode falar, não é?

Jornalista: Presidente, o senhor disse que para ter experiência para governar teve que perder três vezes...

Presidente: Não, quem não pode falar sou eu.

Jornalista: ...que a Dilma vai precisar fazer para ter experiência para governar?

Presidente: Ninguém precisa perder três vezes para ter experiência. Eu contei



o meu caso. A Dilma tem a experiência de oito anos sendo a gerente do meu governo. E, sinceramente, eu conheço muita gente no Brasil, e conheço pouca gente com a competência gerencial da Dilma, pouca.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu não entendi, não entendi, querida.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Nunca teve outra pessoa para se candidatar. Desde que ele saiu do governo, qualquer um sabia que era ele que viria a concorrer. A nós, não causa nenhuma preocupação.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: A primeira se ganha. Até ganhar, tem uma luta imensa. Como eu acho que ele não vai ganhar, quem sabe ele possa ser convidado para trabalhar no governo, se a Dilma ganhar.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, veja, isso... Primeiro, eu acho que é uma discussão tão secundária e tanta falta de assunto, uma pessoa ficar dizendo uma coisa dessas numa campanha que nem começou... Sabe? Ele já está governando São Paulo há muito tempo, não tem ninguém do PT lá. Eu, certamente, tenho mais gente na máquina pública, do PSDB, do que eles têm do PT na máquina deles. Porque, para mim, o funcionário público, eu não quero saber de que partido ele é, eu quero saber se ele é funcionário, se é competente e vai



continuar trabalhando.

Mas eu acho que as eleições, ainda está muito cedo. Nós... A minha experiência de eleição é que a eleição, no Brasil, ela começa definitivamente quando começa a televisão. Quando começa a televisão é que começa a campanha política, porque aí os dois vão ter o mesmo tempo de televisão, vão poder se expor ao mesmo tempo, vai ter os debates mais vivos, mais abertos, sabe? Antes, é só esquentamento de motor, ou seja, antes é como se fosse um time preparando para entrar em campo.

Eu estou tranquilo com as possibilidades da companheira Dilma. Eu vou... Pretendo viajar o Brasil para fazer campanha, vou fazer um esforço no final de semana, vou fazer um esforço a partir da sexta-feira à noite. Eu só não posso deixar de governar o país, porque foi para isso que eu fui eleito. Então, eu vou me dedicar, durante a semana, a fazer as coisas do governo, e no sábado e domingo me segurem, porque eu vou estar em campanha. A partir do momento em que for formalizada a candidatura, que estiver tudo legalizado. Virei a Pernambuco, com muito prazer.

Jornalista: Quando?

Presidente: Não, quando... Quando... Bom, veja, em junho eu tenho que vir a Salgueiro e estou convidando vocês, da imprensa, para vocês verem uma coisa que vocês nunca viram na vida: uma ferrovia de mil e... quase 900 quilômetros, totalmente desmontada, que vai ter mais de 7 mil trabalhadores. Vou convidar vocês para carregar um dormente, para colocar na ferrovia.

Veja uma coisa fantástica: se a gente pegar o que significa a BR-101 para o Nordeste, vocês viram a qualidade. Agora, os brasileiros, quando andarem na BR-101, não vão ficar dizendo: "Nossa, na Alemanha tem estrada boa, na França". Eles vão ver estrada de qualidade, estrada de qualidade, que muitos não vão nem querer entrar com carro lá para não estragar a estrada, de tão



boa que é. Depois, a pessoa ver a BR-101, depois a pessoa ir visitar o canal do São Francisco. Eu queria que vocês fossem visitar, de férias, fazer um passeio de carro com a família, para vocês ficarem emocionados na beira daquele canal, que é uma coisa excepcional. E, depois, ver a Transnordestina, que são três obras estruturais (incompreensível). E depois ver as adutoras, para a gente resolver definitivamente o problema da água de Pernambuco.

Jornalista: O senhor acha que o veto ao reajuste dos aposentados pode ter algum impacto eleitoral?

Presidente: Primeiro, só eu posso falar em veto, meu filho. Só eu, e eu não decidi nada. Um presidente da República, que tem o poder de arbitrar uma decisão, ele só se pronuncia nos autos do processo. Então, deixe a Câmara trabalhar, deixe o Senado trabalhar, e quando chegar à minha mesa, eu, no silêncio, no exercício do poder, então, tomarei a decisão.

Jornalista: Presidente, o senhor tem altos índices de popularidade e parece que isso não vem sendo transferido para a Dilma. Existe um momento para isso acontecer?

Presidente: Lógico, na hora em que eu pedir. Eu não pedi ainda.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, obviamente que não é assim.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Quem falou isso?



Jornalista: O chanceler francês (incompreensível) Barack Obama.

Presidente: Falou para quem?

Jornalista: Deu uma declaração..

Presidente: Falou para quem?

Jornalista: (incompreensível).

Presidente: Falou para quem?

Jornalista: Foi divulgado isso, mundialmente.

Presidente: Tanto é que não foi, que eu não vi. E nem o Itamaraty está preocupado com isso. Cada país cuida da sua política internacional, e o Brasil está consciente do que está fazendo, maduro, preparado. Se você conversar com o presidente Barack Obama, se você conversar com o presidente Sarkozy, se você conversar com a primeira-ministra Angela Merkel, se você conversar com o presidente Berlusconi, se você conversar com o Gordon Brown, se você conversar com quem quer que seja, nenhum deles nunca chamou o Ahmadinejad para conversar. As pessoas são políticas e ficam fazendo política por terceiros, é o quarto escalão, é o quinto escalão, é o sexto escalão que vai negociar.

Eu, como nasci na política, meu negócio é olho no olho. Eu defendo o direito do Irã ter o mesmo tratamento que o Brasil tem e, portanto, ter o mesmo comportamento que o Brasil tem – nem mais e nem menos. O Brasil tem, na sua Constituição a proibição de não utilização de armas nucleares, eu quero que o Irã não tenha o direito de usar armas nucleares; o Brasil tem o direito de



utilizar energia nuclear, eu quero que o Irã utilize energia nuclear, é isso, nada mais do que isso. Agora, é preciso conversar. As pessoas não podem ficar mandando recado: “Olha, vai lá e diz para ele que nós vamos fazer isso. Olha...”. Aí o outro fala: (incompreensível). Porque cada um fica mostrando, fazendo política para o seu público. Eu conheço, conheço na América Latina, conheço no Brasil, conheço no mundo, muitos políticos que fazem políticas para o seu público. Se estiverem em baixa na opinião pública, então, é que fazem mais política para o seu público interno, ainda. Quem é que é contra o Irã parar com as suas intenções de armas nucleares? É a oposição que os europeus e que os americanos apoiam. São eles que fazem passeata contra o Ahmadinejad, exigindo que não deixe de trabalhar a questão nuclear. Então, seria mais fácil chamar a oposição dele e falar: “Olha, faça uma campanha contra, pô”.

Então, como eu não acredito nessa política de recado, nessa política terceirizada, nessa política em que os técnicos trabalham, eu, que sou o político, vou lá, pessoalmente, dizer ao Presidente do Irã o que eu penso, o que eu acho que ele deveria fazer, como eu já disse para o Obama, como eu já disse para o Sarkozy, como eu já disse para a Angela Merkel. O Irã é um país de 80 milhões de habitantes. O Brasil tem interesses econômicos, o Brasil exporta quase 2 bilhões para o Irã, o Brasil tem interesses econômicos. Então, o que nós queremos? Primeiro, paz. Primeiro, paz, porque sem paz, a gente não consegue fazer nada. Segundo, eu quero que haja desarmamento nuclear. Eu sou adepto e assinante da tese da não proliferação de armas nucleares. Eu fui constituinte e votei para que o Brasil não tenha. Então, ninguém vem me dar lição sobre armas nucleares, porque nós temos *know how*.

Jornalista: Presidente, (incompreensível).

Presidente: Mais?



Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não é, rapaz. Você viu a última maratona? Domingo eu estava vendo uma coisa interessante, eu estava vendo uma maratona em São Paulo. Em uma maratona você não pode correr muito rapidamente. Quem está em uma posição tranquila, de credibilidade, de respeitabilidade que [como] está o Eduardo, ele não tem que sair de forma estabanada, fazendo campanha, ele tem que governar. O que vai eleger ele é o bom resultado do seu governo. Quem tem que correr, falar, xingar, esbravejar é a oposição.

Jornalista: Presidente, já que o senhor falou da oposição, tem algum recado para ela, que agora elogia alguns programas que o senhor tem?

Presidente: Não, eu não dou recado para a oposição. Eu só peço para a oposição tranquilidade, maturidade. O Brasil atingiu um nível de credibilidade, de crescimento econômico, de respeitabilidade que a gente não conheceu muito tempo no século XX, e esse é um patrimônio do povo brasileiro, não é um patrimônio meu, eu apenas fui porta-voz do povo brasileiro. A respeitabilidade que o Brasil adquiriu é um patrimônio, porque não tem nada mais sagrado do que um povo de autoestima elevada, não tem nada, não tem nada, não tem nada. Com a autoestima elevada você cresce economicamente, você ganha guerra, você faz o que você quiser. Nós estamos, pela primeira vez, acreditando em nós mesmos, as pessoas mais humildes acreditam nelas, as pessoas trabalham a esperança com muito mais certeza de que vai acontecer o que elas querem. Então, eu acho que a oposição precisa pensar nisso, só nisso. Esse negócio de ficar xingando, gritando, esbravejando... Não adianta as pessoas dizerem: "Ah, não tem PAC". O PAC está para quem quiser ver. É engraçado, porque eu assinei bilhões, bilhões e bilhões de reais para os



governadores dos partidos adversários! Eles são as testemunhas de que tem o PAC. Quer dizer... A maior obra que o adversário da Dilma fez em São Paulo, o Rodoanel, se não fosse o governo federal ter colocado 1 bilhão e 200 milhões para começar a obra, não teria sido feita. E ele reconheceu isso no discurso dele. Então, aqueles que dizem que não tem PAC precisariam, pelo menos, ler o jornal para acompanhar isso. Bom, de qualquer forma, cada um fala o que quer e vai ter a quantidade de votos que merece.

É isso. Um abraço, gente.

Jornalista: Está cuidando da pressão, Presidente? Está cuidando da pressão?

Presidente: Ah, depois do meu Ministro da Saúde, meu filho, minha pressão...

(\$31EGJLP)